
FINALIDADES E RESULTADOS DUM COLÓQUIO

Author(s): A. Sedas Nunes

Source: *Análise Social*, 1982, Terceira Série, Vol. 18, No. 72/74, A Formação de Portugal Contemporâneo: 1900-1980 (Volume I): Comunicações ao colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais (Dezembro de 1981) (1982), pp. 643-645

Published by: Instituto Ciências Sociais da Universidad de Lisboa

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/41010349>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



JSTOR

is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Análise Social*

FINALIDADES E RESULTADOS DUM COLÓQUIO

1. *Organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais (GIS), posteriormente transformado em Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Junta de Investigação Científica e Tecnológica, realizou-se em Lisboa, nos dias 2 a 5 de Dezembro de 1981, o Colóquio «A Formação de Portugal Contemporâneo: 1900-1980». Nesta reunião científica, que congregou cerca de 350 investigadores e docentes de Ciências Sociais, entre os quais um número significativo de cientistas sociais estrangeiros, foram apresentadas e discutidas 79 comunicações, distribuídas por dez secções: 1. Forças Sociais e Ideologias; 2. Estruturas e Políticas Económicas; 3. O Estado e as Estruturas Jurídico-Políticas; 4. Os «Corpos Separados»: Igreja, Forças Armadas; 5. Questões Rurais e Camponesas; 6. Questões Urbanas; 7. A Escola e os Movimentos Estudantis; 8. Emigração; 9. Cultura e Vida Quotidiana; 10. Colónias e Descolonização.*

2. *Este Colóquio foi apenas uma de uma série de iniciativas similares que o Gabinete de Investigações Sociais sucessivamente tomou e que o Instituto de Ciências Sociais se propõe prosseguir, com vista a realizar — ou, mais exactamente, a contribuir, na medida das suas possibilidades, para que se realizem — certas finalidades essenciais:*

a) *Estabelecer condições de contacto e de diálogo entre os investigadores de ciências sociais (incluindo nestas as ciências históricas) que, em Portugal ou no estrangeiro, se encontram a trabalhar sobre determinadas áreas temáticas, respeitantes nomeadamente, mas não só, à realidade portuguesa;*

b) *Criar espaços, ainda que temporários, e sobretudo fomentar hábitos, de confronto e de discussão aberta dos resultados parciais ou finais das investigações em curso nessas áreas;*

c) *Concorrer, enfim, para a progressiva formação em Portugal de uma comunidade científica das ciências sociais, consciente de si mesma, mediante a promoção do interconhecimento e da intercomunicação entre as múltiplas pessoas e os múltiplos grupos e instituições que se dedicam, no nosso país, à investigação nestes campos do conhecimento.*

É óbvio que, plenamente consciente das suas limitações, o Gabinete de Investigações Sociais sabia que, por si só, jamais poderia alcançar tais finalidades — e o Instituto de Ciências Sociais não deixa de o saber também. Confiava, porém, em que aos seus esforços e tentativas outros se acrescentem, oriundos de diferentes instituições e grupos, conforme aliás já vem sucedendo. E que, desta forma, através duma convergência de acções de diversa origem, mas com análogas finalidades, uma comunidade científica das ciências sociais em Portugal caminha para a maturidade.

3. *No entanto, embora inscrevendo-se basicamente na linha dos fins e dos propósitos acima enunciados, o Colóquio «A Formação de Portugal Contemporâneo: 1900-1980» tinha objectivos específicos, que, de resto, foram explicitados desde o primeiro momento em que a comissão organizadora dirigiu convites aos eventuais participantes.*

Com efeito, lançando o projecto do Colóquio, o Gabinete de Investigações Sociais visava suscitar, reunir e pôr à discussão resultados de pesquisas que, não obstante elaboradas sob distintas ópticas científicas, tivessem em comum uma orientação voltada para a análise de problemas estruturais e essencialmente diacrónica. Procurava-se, deste modo, que as diversas comunicações que viessem a ser acolhidas, bem como os debates que a partir delas se travassem,

constituíssem, no seu conjunto, um contributo importante, se bem que seguramente ainda muito parcial e lacunar, para a reconstituição do processo de estabilidade e de mudanças que Portugal atravessou ao longo do período assinalado. Em última análise, tinha-se em vista tornar possível uma melhor compreensão do ponto em que a sociedade portuguesa se encontra presentemente.

4. Tentando um balanço do Colóquio, é possível expressar um certo número de ideias muito simples, mas fundamentais. Em primeiro lugar, a ideia de que o Colóquio demonstrou, de forma particularmente expressiva, que as ciências sociais já adquiriram, em Portugal, um impulso para o desenvolvimento que, salvo acidente de percurso muito grave na evolução da sociedade portuguesa, é provavelmente imparável. Por outras palavras: ao contrário do que se verificava entre nós até à queda do «antigo regime», as ciências sociais já se não encontram numa situação embrionária e bloqueada, revelando, ao invés, uma considerável capacidade de conduzir investigações fecundas, e de as levar a bom termo, em numerosos campos da indagação científica.

Todavia, o Colóquio também demonstrou muito claramente que, seja no que respeita a disciplinas cultivadas, seja no que concerne a métodos de investigação accionados, seja sobretudo no que se refere ao conhecimento da realidade social portuguesa, as lacunas que subsistem ainda são enormes. Efectivamente, tornou-se patente no Colóquio que o conhecimento que é possível adquirir acerca da realidade portuguesa, através das ciências sociais de que se dispõe neste momento é dos estudos e investigações que se estão efectuando, é um conhecimento extremamente fragmentário e extremamente disperso.

Daqui decorre uma outra ideia: a de que, se as ciências sociais em Portugal já não são propriamente embrionárias, nem por isso carecem menos ainda de um forte impulso adicional, no sentido de atingirem um desenvolvimento muito maior e mais diversificado, que lhes permita enfrentar com sucesso os múltiplos e diferentes problemas de investigação que um conhecimento aprofundado da sociedade portuguesa obriga a formular e a estudar. Problemas que, à medida que forem sendo solucionados, abrirão aliás caminho a que novos problemas requeiram a atenção e o trabalho dos cientistas sociais — e assim sucessivamente. É de crer que todos quantos participaram no Colóquio terão tomado aguda consciência de que, no seu actual estágio de desenvolvimento, as ciências sociais são ainda manifestamente incapazes de produzir um conhecimento satisfatório e integrado, quer numa perspectiva sincrónica, quer numa perspectiva diacrónica, da sociedade que Portugal tem sido e é.

Mas, se a necessidade de um desenvolvimento mais intenso e extenso das ciências sociais no nosso país se revelou fortemente no Colóquio, não menos fortemente nele se tornou visível ser indispensável que se exerçam esforços persistentes no sentido de reduzir a dispersão dos trabalhos em curso e de promover a aproximação mútua dos investigadores isolados e dos vários núcleos de investigação que existem, de modo a conseguir-se uma certa interligação e coordenação entre o que se vai fazendo através desses investigadores e no seio desses núcleos. Não se trata, de modo algum, de planificar globalmente o trabalho e o desenvolvimento das ciências sociais, mas tão-só de criar uma rede de ligações que evite perniciosas duplicações de esforços e promova as desejáveis complementaridades e uma salutar interdisciplinaridade, que ainda não é praticada.

Por outro lado, parece importante salientar, dado o considerável número de comunicações provenientes de investigadores estrangeiros, que já se verifica uma relação de cooperação entre a comunidade científica (ainda em esboço) dos investigadores sociais portugueses e a comunidade internacional dos cientistas sociais. É este um factor extremamente positivo, que se pode esperar venha a funcionar como uma ajuda importante ao desenvolvimento da investigação e à definição das orientações teóricas e metodológicas mais actualizadas e mais adequadas no domínio das ciências sociais no nosso país.

5. Por último, saltando para um outro nível de apreciação do trabalho realizado no Colóquio, não é possível deixar de ressaltar que, num país que está ainda a aprender a viver democraticamente, se fez no Colóquio uma experiência profundamente democrática. Porque entre os que se reuniram no Colóquio se verificam não só vincadas divergências teóricas e científicas, mas também fundas divergências de carácter ideológico e político. E, no entanto, todos aí puderam discutir uns com os outros, às vezes com vivacidade e acutilância, mas sempre no respeito mútuo, na aceitação do «outro» na sua diferença. Ora esta aceitação do «outro» na sua diferença parece ser o espírito fundamental da democracia. Adoptando-o e praticando-o a cada momento, o Colóquio deu um exemplo de como se pode e deve viver democraticamente numa sociedade, consolidando na sua base, isto é, na consciência e na vivência de cada um, aquilo que é primordial em democracia: a tolerância mútua, a aceitação recíproca, o reconhecimento — insista-se — do «outro» como «diferente», mas como tendo precisamente todo o direito a ser «diferente».

A. Sedas Nunes

AGRADECIMENTOS

São devidos os melhores agradecimentos às seguintes entidades:

Fundação Calouste Gulbenkian, pela cedência de instalações para a realização do Colóquio, pelo valioso apoio financeiro prestado à deslocação a Lisboa de um certo número de investigadores estrangeiros e pelo importante subsídio concedido à publicação dos trabalhos do Colóquio;

Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, pela concessão de significativo auxílio financeiro à organização do Colóquio;

Instituto Português do Livro, pelo generoso patrocínio atribuído à publicação dos trabalhos do Colóquio.